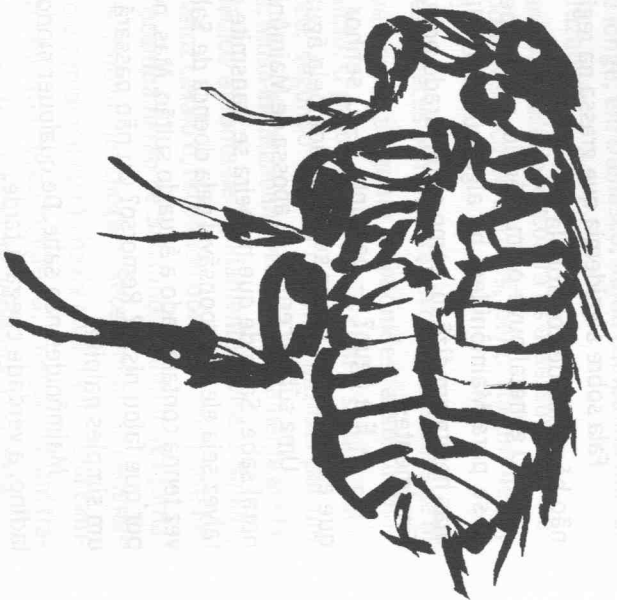


¹ Moacyr Scliar, médico da saúde pública, é professor do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre.



Pulga da espécie *Xenopsylla cheopis*, agente transmissor da peste negra.

PEQUENA HISTÓRIA DA EPIDEMIOLOGIA

MOACYR SCLIAIR¹

As doenças transmissíveis acompanham há muito tempo a espécie humana. Doença transmissível, é bom explicar, é aquela causada por bactérias, ou vírus, ou outros agentes infecciosos (popularmente conhecidos como micróbios), que chegam à pessoa vindos de outra pessoa, de animais ou do meio ambiente, incluindo a água e os alimentos. São doenças transmissíveis: a gripe, o sarampo, a hepatite... A humanidade as conhece há muito tempo. Múltiplas egípcias apresentam marcas de varíola, doença que se caracterizava por lesões na pele e que, graças à vacinação, desapareceu. A Bíblia traz uma longa descrição da lepra, doença muito temida na Antiguidade, tanto que os próprios sacerdotes hebreus tinham de identificá-la e tomar providências para isolar o doente.

Mais temidas ainda eram as situações em que as doenças transmissíveis acometiam um grande número de pessoas. Essas situações eram, e são, conhecidas como epidemias. A palavra vem do grego: *ept* quer dizer "sobre" e *demos*, "povo", "população" (democracia é o governo do povo). Ou seja: era um flagelo que caía sobre o povo. Mais adiante, veremos que modernamente o termo não se aplica

só a doenças transmissíveis, mas na Antiguidade era isso que ocorria. E como os micróbios — as bactérias, os vírus — não eram conhecidos, porque não havia microscópio, a epidemia era considerada freqüentemente um castigo divino. É o que vemos na Bíblia. Deus castiga o faraó do Egito com pragas, que dizem tanto seres humanos como animais. Da mesma maneira, recorria-se a Deus ou a santos em busca de proteção contra as enfermidades.

A medida que as pessoas foram mudando para cidades e, portanto, morando mais próximas umas das outras, aumentavam as chances de transmissão de micróbios na população. Um exemplo é a epidemia que se abateu sobre Atenas em 430-420 a.C. e que foi descrita pelo grande historiador Tucídides. A doença — até hoje discute-se qual era, porque a descrição de Tucídides não permite fazer um diagnóstico exato — teria se originado na África. Acometeu primeiro a população residente no Pireu, o porto de Atenas, espalhando-se pelo resto da cidade, quando então, conta Tucídides, as mortes tornaram-se mais freqüentes.

Já que estamos falando em gregos, é bom lembrar que o “pai da Medicina”, Hipócrates de Cós (460? — 337? a.C.) dedicou boa parte de seus escritos à questão das doenças transmissíveis, como a malária. Mais que isso, foi contra a opinião então prevalente em muitos círculos ao afirmar que as doenças estavam ligadas a causas naturais. Para dar um exemplo: naquela época, a epilepsia, que se manifesta por convulsões, era chamada “doença sagrada”. Dizia-se que a crise era resultado de uma espécie de possessão divina. “A doença chamada sagrada”, disse Hipócrates, “não é, em minha opinião, mais sagrada que qualquer outra doença; tem uma causa natural e sua origem supostamente divina reflete a ignorância humana.”

Essa posição era, até certo ponto, revolucionária. Como muitos povos da Antiguidade, os gregos tinham uma concepção religiosa do fenômeno saúde-enfermidade; havia inclusive uma divindade da medicina, Asclepius ou Esculápio. A opinião de Hipócrates era, portanto, audaciosa; podemos supor que ele só podia declará-la graças a seu prestígio como médico.

Hipócrates foi mais além. No texto conhecido como *Ares, águas, lugares*, discute os fatores ambientais ligados à saúde e à doença. “Quem quer que estude medicina”, diz Hipócrates, “deve investigar os seguintes aspectos: primeiro, o efeito das estações do ano. Depois, os ventos, quentes ou frios, característicos da região. O efeito da água sobre a saúde não deve ser esquecido... Por último, deve-se considerar o modo de vida das pessoas: são glutões e bebedores, e portanto incapazes de suportar a fadiga, ou, apreciando o trabalho e o exercício, comem e bebem moderadamente?” Familiarizado com esses aspectos, garantia Hipócrates, o médico não se sentiria desamparado tratando doenças, e mais, saberia que epidemias esperar.

Encontramos nas palavras de Hipócrates o embrião daquilo que hoje se denomina conceito ecológico de enfermidade. De acordo com esse conceito, a enfermidade resulta da interação entre três fatores. O primeiro desses fatores é o hospedeiro. O nome é meio enganoso, porque hospedeiro é quem hospeda, o que supõe certa vontade de receber hóspedes. Acontece que o “hospedeiro”, nesse caso, é incômodo, quando não perigoso: ele é chamado “agente” — porque age sobre o hospedeiro. Os agentes podem ser físicos (calor, frio, radiações), químicos (inseticidas) ou biológicos (bactérias, vírus). O meio ambiente condiciona a possibilidade de encontro entre o agente e o hospedeiro: ingerindo alimentos malconserva-

